

Assessores do governo desconheciam declaração

A. M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — Funcionários brasileiros deram a entender ontem que a área econômica do governo foi surpreendida pela declaração conjunta dos presidentes de Brasil, México, Argentina e Colômbia contra as altas taxas de juros, o protecionismo dos países industrializados e os prazos de pagamento da dívida externa.

Um assessor do presidente do Banco Central do Brasil, que acompanha Affonso Celso Pastore em sua visita a Washington, disse que só tomou conhecimento da declaração no domingo à noite. Interpretou-a como uma forma de pressão sobre os credores internacionais desses países e afirmou: "Toda forma de pressão ajuda".

Pastore chegou domingo a Washington e ontem se avistou com Paul Volcker, chairman da Reserva Federal (Banco Central dos EUA), visitou o FMI e participou de uma conferência sobre questões financeiras internacionais, promovida pela Universidade de Virgínia. A conferência, fechada à imprensa, prossegue hoje e Pastore participará de uma discussão sobre reescalamento da dívida externa.

Funcionário de uma organização internacional afirmou que os objetivos posteriores da declaração dos presidentes ainda não eram conhecidos e que a área econômica do governo brasileiro esperava informações mais precisas do Itamaraty. Fonte do governo americano disse que o documento foi produto de políticos, já que os ministros econômicos brasileiros haviam reagido de maneira diferente ao aumento das taxas de juros internacionais. Referia-se à frase do ministro Delfim Netto, segundo a qual, "se cara feia resolvesse, os países não teriam problemas". A frase foi a resposta do ministro à pergunta de um jornalista, que desejava

saber porque não reagia com mais veemência ao aumento dos juros.

Fontes diplomáticas e de organização internacional interpretaram a declaração como mais um sintoma de que se está esboçando um Clube de Devedores, cujo embrião teria surgido na operação de salvamento da Argentina (e dos bancos credores) há quase dois meses. Naquela ocasião, Brasil, México, Colômbia e Venezuela emprestaram US\$ 300 milhões à Argentina para ajudá-la a resolver seus atrasados comerciais.

A embaixada argentina apressou-se em traduzir a declaração dos presidentes latino-americanos para o inglês e distribuí-la a uma longa lista de autoridades e membros do Congresso dos Estados Unidos. Um dos que receberam o documento foi o vice-presidente Georg Bush. Uma fonte da embaixada não soube explicar por que não enviaram cópia ao presidente Ronald Reagan.

A conferência de que Affonso Celso Pastore participa chama-se **Latin América Update**, 84 e é a quarta de uma série anual promovida pelo Centro de Estudos Bancários Internacionais da Universidade de Virgínia. A conferência é co-presidida por Philip D. Parkinson, vice-presidente senior do Banco First Chicago, e William Rhodes, do Citibank e **Chairman** do Comitê de Assessoramento dos Bancos Privados que coordena as negociações da dívida para o Brasil e outros países da região.

Ontem, os cem participantes — na maioria banqueiros de instituições de menor porte — ouviram exposições sobre a região em geral, México, Colômbia, Venezuela, Chile, América Central e Caribe. Hoje ouvirão oradores sobre Argentina e Brasil, além de um debate sobre o reescalamento da dívida de países soberanos, da qual participará o presidente do Banco Central do Brasil. O orador do jantar de ontem foi William B. Dale, diretor-gerente adjunto do Fundo Monetário Internacional.